A geografia imaginativa e suas representações: orientalizar o Oriental

Introdução: O Said começa esse tópico falando sobre como o Orientalismo é um campo de estudos eruditos, estabelecido oficialmente no século XIV com o estabelecimento de cátedras de árabe, grego, hebraico e sírio nos grandes centros de ensino da Europa. A principal colocação dele é que esse é um conceito baseado em uma unidade geográfica, cultural, linguística, étnica e acadêmica chamada Oriente. O *ismo* está aí exatamente para caracterizá-lo como uma disciplina acadêmica. Ele vai comparar esse fascínio com tudo pertencia ao Leste, essa percepção do maravilhoso, exótico, misterioso e profundo, esse *boom* do orientalismo com o que a Europa viveu na Alta Renascença com a Antiguidade grega e latina. O interesse era primordialmente no período **clássico** e no que havia de **textual**, que é algo em que vamos entrar mais tarde.

Ele até cita o caso de alguns estudiosos que depois de verem uma estátua indiana de oito braços ficaram completamente *curados* de seu orientalismo.

Arbitrariedade, caráter imaginativo e seus limites

Nesse ponto, o Said vai de fato entrar no assunto. Ele vai dizer que existe algo de comum em tentar entender e classificar o desconhecido como se faz com o orientalismo, o que ele vai dizer que não faz qualquer sentido é como se considera uma sociedade maléfica, e outra benéfica. Existe um caráter puramente arbitrário nessas coisas. Ele dá o exemplo da moda, que além da utilidade da beleza, é feita por homens e que vários objetos ou, trazendo pra perto de nós, lugares, por exemplo, são feitos por homens e que tem seus papeis e significados atribuídos só *depois* que as atribuições acontecem. Alguns **objetos distintivos** são feitos pela mente, e apesar de parecerem reais, tem um caráter ficcional. Um território dentro de nossas fronteiras é, afinal, *nosso*, e o outro *bárbaro*. Essa designação do familiar e do desconhecido *pode ser arbitrário*. Para que isso seja feito, não é preciso que o *outro* saiba que é. A qualidade imaginativa e quase ficcional expressa que sentimos algo distante e diferente do *nosso*. E isso não deixa dúvidas de que a geografia e a história imaginativa, que, se não ficou claro até agora, se refere a forma que decidimos agir, a história que decidimos criar, seja ela ficcional – como é em nosso caso, em grande medida – ou não, sobre um lugar, uma cultura, uma etnicidade, permite exatamente que isso seja feito. Essa dramatização da distância. É o que ela faz. A representação europeia do Leste tenta controlá-lo, mas controlar aquilo que não é o Leste em si, e sim o tornado conhecido, portanto menos amedrontador para o público ocidental. É essa tentativa de dominação do exótico que o Said vai dizer que é comum, mas que **no caso do orientalismo**, é quase inerente que isso tenha acontecido, que essa **operação mental** tenha ocorrido. Mais importante ainda é **como** isso ocorre. A **linguagem** vai desempenhar um papel importantíssimo nisso. Como Maomé adquire na literatura, por exemplo, um espírito de *falso*, *devasso*, porque existe um **verdadeiro**, um **santo**, que é Jesus Cristo. É o *nosso*, e o *outro*. CITADO

"Dessa maneira o Oriente adquiriu Representantes, por assim dizer, e representaÇÕES, cada uMa delas mais concreta, mais internamente congruente com alguma exigencia ocidental que a precedente. É como se, tendo se decidido pelo Oriente como um local adequado para encarnar o infinito em um formato finito, a Europa nao Conseguisse mais interromper a prática: o Oriente e o oriental, fosse este árabe, islámico, indiano, chinÊs ou qualquer outra coisa, tornaram-se encarnacóes repetitivas de algum original grandioso (Cristo, a Europa, o Ocidente) que supostamente eles estavam imitando."

Uma mais concreta e congruente com alguma existência Ocidental do que a outra. É por meio dessa dicotomia que o Oriente se torna sempre, independente de qual parte, o que o Said chama de encarnações repetitivas de algum **original** grandioso. **Um orientalista não ´mais que um especialista particular em um conhecimento pelo qual a própria Europa em geral é responsável, pelo qual ela imaginou**. E o são existe uma capacidade de entreter e confundir a

mente que são interessantes e perigosas. O islã é manipulado quando visto como algo perigoso, ele é manejado de tal forma que seria impossível de ser feita sem que se desse de fato uma olhada de perto e conhecido sua *novidade crua*. O Oriente varia então entre o desprezo oriental pelo que é familiar e os seua arrepios de prazer ou de temor pela novidade.

E aí, partindo disso, exatamente desse exemplo de Maomé, que ele vai falar sobre a *Biblioteque orientale*.

BIBLIOTEQUE ORIENTALE, DO ORIENTALISTA FRANCÊS BARTHÉLEMY D'HERBELOT, com prefácio de Antoine Galland, que pra quem não sabe, foi quem traduziu *As mil e uma noites* pro francês. Publicada em 1697, é o grande exemplo usado por Said da dramatização e a imagística do orientalismo. Pra falar um pouco dela sem me estender muito: ele basicamente dividiu a história em dois tipos: sagrada e profana e dois períodos: pré e pós-dilúvio. Um exemplo básico do que é passado nessa obra é a utilização do termo *Maometano*, que é a designação europeia insultante; enquanto *islã* é renegado. *A heresia maometana*. Said vai dizer que nessa obra, Maomé deixa de ser um devasso e imoral e passa a ser proeminentemente reconhecido no palco orientalista. Ganha uma genealogia e tudo. Mas o que nos interessa de fato é o fato de que agora, segundo o Said, o explicitado por essa obra é que o leitor, para chegar ao Oriete, precisa passar pelas malhas de códigos fornecidos pelo orientalista. Mas essa é uma obra que além de tudo, ela acomoda aas exigências morais da cristandade ocidental, é circunscrita por uma série de atitudes e julgamentos que referem a mente ocidental para a **verificação** e **correção**, não das fontes orientais, mas em vez disso, a outras obras orientalistas. O orientalismo é visto como uma disciplina que representa o conhecimento ocidental institucionalizado sobre o Oriente, e aí começa a exercer, de acordo com o Said, uma força tripla sobre o Oriente**, o orientalista e sobre o "consumidor ocidental" do orientalismo.** O Orientalismo é corrigido, *orientalizado*. É tornado o *verdadeiro Oriente*. Um Oriente que deve sua própria existência ao Orientalismo.

O Said vai voltar, bem rapidamente, para aquele fato de que, em certa medida, é comum resistir ao desconhecido, fazer adaptações. Mas, o ocidental de fato converte o orientalista por si mesmo, pela sua cultura, e em alguns casos, pelo que ele acredita ser bom para os orientais. E isso não se dá de forma desorganizada, a conversão, segundo o Said, é um processo disciplinado: é ensinado, tem sociedades, periódicos, tradições, vocabulário e retórica, tudo isso conectado às normas culturais e políticas ocidentais e alimentado por elas.

O exemplo do quão fixadas são essas raízes é o ***Inferno*** de Dante, em que Maomé é perpetuamente rachado em dois do queixo ao ânus. Em certa passagem, um grupo de muçulmanos aparece confinado no primeiro círculo do inferno, sofrendo um castigo leve porque não tiveram a chance de ouvir a palavra de Jesus. Mesmo que o Corão considere Jesus um profeta.

A **geografia imaginativa** encontrada no *Inferno* de Dante e na *Bibliothéque* de D'Herbelot, legitima um vocabulário, um universo de discurso representativo que é peculiar discussão e ao entendimento do isla e do Oriente. Em outras palavras, não precisamos procurar por uma correspondência entre a linguagem usada para descrever Oriente e o próprio, não porque essa seja imprecisa, mas porque ela não está nem sequer tentado ser precisa. O que ela está tentando fazer, assim como Dante no Inferno é caracterizar o Oriente como estrangeiro e, ai mesmo tempo, incorporá-lo esquematicamente a um palco teatral cujas audiência, administrador e atores são para a Europa, e só para ela.

Um adendo importante que o Said faz é que todas as figuras de linguagem associadas ao Oriente estão resumidas o tempo verbal utilizado, que é o presente. Para o Oriente, é com frequência suficiente usar a simples cópula *é*. Assim, Maomé *é* um impostor, como vemos na *Biblioteque* e

em *Inferno*. Nenhum embasamento é preciso; as provas necessárias para condenar Maomé estão contidas no *é*.

O que ele chama de orientalismo é uma forma de realismo radical. Qualquer pessoa que faça uso do orientalismo que é o que acontece quando lida com algo ligado ao Oriente, está falando ou pensando aquilo que assume ser a realidade. Retoricamente, o orientalismo é anatômico e enumerativo usar seu vocabulário equivale ocupar-se da particularização e divisão das coisas orientais em partes manejáveis. Psicologicamente, o orientalismo é uma forma de paranoia, um conhecimento de outro tipo que não o histórico ordinário.

PROJETOS

Nessa parte, Said vai falar sobre os projetos de orientalização do Oriente. Ele cita um monte de gente, mas vamos nos ater a duas figuras centrais: Napoleão e Ferdinand De Lesseps.

Tinha uma galera querendo dominar reduzir o Oriente, mas Napoleão queria não apenas isso como também TOMAR todo o Egito, e a forma como ele se preparou pra fazer isso foi impressionante. Três coisas são importantes no que diz respeito ao interesse de Napoleão pelo Oriente:

1) Não havia outro lugar pra ir por causa do Tratado de Campoformio.
2) Desde a adolescência, Napoleão foi atraído ao Oriente. Sempre lera sobre. Tinha um interesse pessoal no Egito de Alexandre, queria reconquistá-lo.
3) Considerava o Egito um projeto porque conhecia o conhecia tática, estratégica, histórica e **textualmente**, ou seja, como algo sobre o que se le e que se conhece através dos escritos de autoridades europeias recentes e clássicas.

Era algo real na mente de Napoleão. Adquiriu realidade também nos preparativos para a conquista, através de experiências que estão mais no campo das ideias, extraído dos mitos e não da realidade em si. Extraído do orientalismo.

Napoleão chama “sábios” para irem com ele. A ideia é fazer dessa conquista um arquivo vivo. Ele cria o Institu d’Égypte. Napoleão estava lutando pelo islã. Traduzia tudo do francês para o árabe, o exército era incentivado a ter certa sensibilidade islâmica. E aí existe toda uma questã voltada a atitude esquemática e textual dessa condição. O Egito é importante devido ao seu passado e a sua posição geográfica. Há uma significação cultural muito forte. Homero, Alexandre, César, Platão, Pitágoras e vários passaram por lá. Essa é a importância desse contexto textual.

O diretor do Institut, Jean-Baptiste-Joseph Fourier, faz toda uma dramatização do que acontece dizendo que o Egito está imerso na barbárie e Napoleão era basicamente o único capaz de salvá-lo. Dar forma e identidade ao Oriente é que os franceses estão assumindo para si nesse momento. É o que ele registra na obra produzida pelo Insitut, *Déscription de l’Égypte*. É uma interpretação com coerência própria, torna o Oriente palco de suas representações do Oriente.

Depois de Napoleáo, a própria linguagem do orientalismo muda radicalmente. O seu realismo descritivo foi promovido e tornou-se não apenas um estilo de representação, mas urna linguagem, na verdade um meio de *criação*. A *Description* se torna um modelo. A partir de então o Oriente islâmico apareceria como urna categoria que denotaria o poder dos orientalistas, e não os islamitas como seres humanos nem a história deles como história.

A segunda personalidade de quem falaremos é Ferdinand De Lesseps, responsável peça cnstrução do canal de Suez. A construção do canal finalmente destruiu a distância entre o

Ocidente e Oriente. A barreira agora era líquida apenas e o Oriente se submeteu com uma hostilidade resistente à uma obsequiosa, e submissa, parceria. Depois disso ninguém mais poderia falar do Oriente como algo que pertencia a outro mundo, estritamente falando. Havia penas o "nosso" mundo, "um" mundo unido porque o canal de Suez frustrara aqueles últimos provincianos que ainda acreditavam na diferença entre mundos. A partir de então, a noção de "oriental" passa a ser meramente administrativa ou executiva e a estar subordinada a fatores demográficos, económicos e sociológicos.

CRISE

Neste momento, Said vai falar especificamente sobre a frustração que se dá devido aquilo que falamos lá atrás: a atitude textual. Ele vai dizer que existe uma falta de *bom senso*, em acreditar em tudo que se lê. Em aplicar tudo *literalmente*. E aí ele vai colocar duas situações que favorecem essa atitude textual:

1) Quando se enfrenta algo desconhecido e ameaçador. Algo que um livro te ajuda a entender, desmistificar e lidar. Como um guia de viagens, por exemplo. O texto acaba se tornando a maior autoridade sobre aquilo, maior que a própria realidade que descreve.
2) A aparência de sucesso. Se lemos um livro sobre um leão feroz, e depois encontramos um leão de fato feroz, tendemos a dar maior credibilidade ao autor e aos seus livros. Se as instruções de como lidar com ele, funcionam perfeitamente, o autor está feito na carreira de escritor.

Mas a verdade é que em um texto é permitido *criar* também. *Inventar* a própria realidade. Com o tempo, esse conhecimento e essa realidade produzem o que o Foucault chama de **discurso**, cuja presença ou peso material, e não a autoridade de um dado autor, é realmente responsável pelos textos a que dá origem.

Considerando Napoleão e De Lesseps a luz disso. Tudo o que eles sabiam vinha de livros. Era um Oriente silencioso, disponível para os projetos europeus. Então, o orientalismo proporcionava a eles o sucesso, pelo menos do ponto de vista deles, que não tinha nada a ver com o dos orientais.

Então, podemos ver o orientalismo como um discurso para a instituição imperial. Cresceu e muito o número de orientalismos depois dos projetos de Napoleão e De Lesseps. O alcance da geografia imaginativa diminui porque a relação entre o oriente e o ocidente estava sendo determinada por uma expansão.

Sejamos sinceros: durante a sua época mais grandiosa, no século XIX,o orientalismo produziu estudiosos; aumentou o número de idiomas ensinados no Ocidente e a quantidade de manuscritos editados, traduzidos e comentados; em muitos casos, forneceu ao Oriente estudantes europeus solidários, genuinamente interessados em questões como a gramática sânscrita, a numismática fenícia e a poesia árabe. Mas a realidade é que **o orientalismo atropelou o Oriente**.

Desde o início o orientalismo trazia dois traços:

1) Autoconsciência científica recentemente encontrada, baseada na importância linguística do Oriente para a Europa.
2) Uma inclinação a dividir, subdividir e redividir seu tema sem nunca mudar de opinião sobre o Oriente como algo que é sempre o mesmo *objeto, imutável*, *uniforme* e radicalmente *particular*.

E aí, o que acontece? Onde vão parar as típicas emoções e experiências acompanham tanto os avanços eruditos do orientalismo como as conquistas políticas que este auxiliou? Exatamente a frustração da realidade desses pontos. Antes de mais nada está o desapontamento devido ao fato de o Oriente moderno não ser em nada como os textos.

Como um juiz do Oriente, o moderno orientalista não está, como acredita e até mesmo diz, separado dele objetivamente. O seu distanciamento humano, cujo sinal é a ausência de simpatia, disfarçada de conhecimento profissional, está pesadamente carregado com todas as atitudes, perspectivas e humores ortodoxos do orientalismo que estive descrevendo. O Oriente dele nao é o Oriente tal qual ele é, mas o Oriente tal como foi orientalizado.

Essa crise continua até hoje. Depois da Segunda Guerra, com a polarização do mundo, e incapaz de reconhecer o Oriente dos livros no novo Terceiro Mundo, o orientalismo poderia continuar como se nada tivesse acontecido ou mudar. Mas o Said vai dizer que pro orientalista, que acredita que o Oriente nunca muda, o novo é o velho traído por equivocados *desorientais*. A terceira opção era se desfazer do orientalismo, mas isso só foi considerado por uma minoria.

A atitude orientalista contemporânea é adaptada. Os pérfidos chineses, os indianos seminus e os muçulmanos passivos são descritos como abutres sobre a "nossa" generosidade, e são amaldiçoados quando "nós os perdemos" para o comunismo ou para os seus próprios instintos orientais não-regenerados. Os árabes são terroristas.

A raiz disso tudo está na ideia atual de que o consumidor ocidental, tem direito de possuir ou gastar os recursos mundiais. Por quê? **Porque ele, ao contrário do oriental, é um verdadeiro ser humano.**

Se o orientalismo antes limitava, desconsiderava e essencializava a humanidade de outra cultura, outro povo ou região geográfica, agora também podemos dizer que ele considera o Oriente como algo cuja existência não apenas está a vista, mas permaneceu fixa no tempo e no espaço para o Ocidente. O sucesso descritivo e textual do orientalismo foi tão impressionante que períodos inteiros da história cultural, política e social do Oriente são considerados como meras respostas ao Ocidente. Este é o agente e o Oriente é o reagente passivo. O Ocidente é espectador, juiz e júri de cada faceta do comportamento oriental.

Said vai finalizar dizendo que “O intelectual contemporâneo pode aprender com o orientalismo, por um lado, como limitar ou ampliar o campo de ação pretendido pela sua disciplina e, pelo outro, a ver a base humana (o depósito de farrapos imundos e de ossos do coração, dizia Yeats) em que os textos, as visões, os métodos e as disciplinas começam, crescem, florescem e degeneram. Investigar o orientalismo é também propor modos intelectuais de tratar os problemas metodológicos a que a história deu origem, por assim dizer, em seu tema de estudos, o Oriente”. É uma questão de responsabilidade.
.